

OS CONCEITOS DA HISTÓRIA DE MARX E ENGELS À REVOLUÇÃO RUSSA: CONSCIÊNCIA, VIDA MATERIAL E LUTA DE CLASSES

THE CONCEPTS OF HISTORY FROM MARX AND ENGELS TO THE RUSSIAN REVOLUTION: CONSCIOUSNESS, MATERIAL LIFE AND CLASS STRUGGLE

*Lucas Tubino Pianta*¹

Resumo: No século XIX Marx e Engels desenvolveram a teoria que serviria como impulso para que os Bolcheviques tomassem o poder e chegassem à revolução na Rússia no início do século XX. Porém, a própria revolução pôs em cheque as considerações de Marx e Engels ao mesmo tempo em que apresentava distinta fertilidade no que diz respeito à produção da teoria marxista, assim como à produção historiográfica. Stalin e Trotsky, duas figuras que a história nos traz enquanto antagonistas dentro do processo revolucionário russo exerceram o papel de historiadores ao levantarem seus debates sobre a revolução, ambos na década de 1930. Dentro de sua produção encontramos debates que giram em torno da teoria de Marx e Engels, assim como fatos novos que levaram a conclusões diferentes daquelas que rodavam as expectativas marxianas. É a partir destas conclusões que analisaremos Trotsky e Stalin enquanto historiadores.

Palavras-chave: Marxismo; Revolução Russa; Luta de Classes, Consciência, Vida Material; Materialismo Histórico-dialético.

¹ Graduando de Bacharelado e Licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Abstract: On the nineteenth century, Marx and Engels developed the theory which would later be the basis for the Bolsheviks, on the twentieth century, to take the power in Russia and then make the revolution. When the revolution happened and brought to the history some new facts, it made the Marxist theorists look back and rethink some of Marx's and Engels's expectations about history and also led to the development of a lot of historiographical productions. Stalin and Trotsky, which history shows us to be antagonistic actors of the Russian Revolution, wrote the history of the Revolution, both in the 1930's. Reading their history books it is easy to find Marxist theory, just like some of the new facts which led to some other conclusions which were different from those that Marx and Engels had expected. Since we found out which are those new conclusions, we are going to analyze Trotsky and Stalin as historians.

Keywords: Marxism; Russian Revolution; Class Struggle; Consciousness; Material life, Dialectical and Historical Materialism.

Introdução

“A história de toda sociedade até nossos dias é a história da luta de classes”, é o que dizem Marx e Engels (2001: 23) na primeira frase do *Manifesto do Partido Comunista*, escrito em 1848. Ou seja, para Marx e Engels, a história se faz através da “constante oposição” (ENGELS, MARX 2001: 23) entre aqueles que oprimem e aqueles que são oprimidos. Ainda sobre a história, agora em *A Ideologia Alemã*, manuscrita em 1846, Marx e Engels afirmam que

A história não é senão uma sucessão das diversas gerações, cada uma das quais explora os materiais, capitais, forças de produção que lhe são legados por todas as que precederam, e que por isso continua, portanto, por um lado, ainda que em circunstâncias completamente mudadas, a atividade transmitida, e, por outro, modifica as velhas circunstâncias com uma atividade completamente mudada (...) Desse mo-

do, a história recebe então finalidades à parte e torna-se uma “pessoa a par de outras” (...) enquanto aquilo que se designa com as palavras “Determinação”, “Finalidade”², “Germe”, “Ideia” da história anterior nada mais é do que uma abstração formada a partir da história posterior, uma abstração a partir da influência ativa que história anterior exerce sobre a posterior³. (ENGELS, MARX, 2009: 53)

E é a partir destas e algumas outras considerações de Marx e Engels sobre a história, e feita uma análise prévia sobre o conceito de história nos dois autores, que pretendemos analisar enquanto fontes duas obras relacionadas à maior experiência marxista que já vimos: a Revolução Russa.

Ao analisarmos enquanto fontes os livros *A História da Revolução Russa*, de Trotsky, escrito entre 1930 e 1932 e *A História do Partido Comunista da União Soviética (Bolcheviques)*, escrito em 1939 em nome do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, sob o comando de Stalin, estamos nos propondo a analisar os dois personagens enquanto historiadores, e enquanto marxistas, e buscar nas duas figuras o conceito de história por trás das obras analisadas. Logo, nos propomos a fazer um debate teórico, um trabalho técnico e especulativo partindo de Marx e Engels e chegando em Trotsky e Stalin.

² Ao expressarem a palavra “finalidade” entendemos que Marx e Engels aplicam um sentido teleológico à história. Ou seja, trazem à baila uma “lógica histórica” (THOMPSON, 1981: 48). Sobre a “lógica histórica” no materialismo dialético Thompson (1981: 61) afirma ser uma “obstinação teimosa” que “se dá tanto na teoria quanto na prática” (práxis) e dessa forma “um diálogo e seu discurso de demonstração é conduzido nos termos da lógica histórica”.

³ Aquilo que François Hartog (1996: 96), segundo o vocabulário hegeliano, chama de “História – em – si”.

Consideramos importante ressaltar o papel da praxis dentro da teoria marxista, assim como o método de análise materialista da história para entendermos o que Marx e Engels nos queriam dizer ao tratar da história dentro de sua teoria. Portanto, não seria possível analisar a história relacionada à Revolução Russa escrita por Trotsky e Stalin sem antes recapitularmos um pouco do que a teoria de Marx e Engels fala sobre a história e a historiografia, pois entendemos que houve apropriação da teoria marxiana e produção de teoria marxista durante o processo revolucionário, assim como a prática revolucionária também passava pelo legado de Marx e Engels tanto na sua teoria quanto na história da humanidade.

Desta forma nos dedicamos a levantar algumas questões às obras escolhidas para a análise, assim como um problema de pesquisa, talvez ousado, mas com certeza sedutor: seriam Trotsky e Stalin, enquanto historiadores, marxistas?

A Ideologia Alemã

Em *A Ideologia Alemã* Marx e Engels se propõem a analisar a história numa perspectiva materialista e dialética. As premissas para se pensar a história dialética e materialmente “não são arbitrárias, não são dogmas, são premissas reais e delas só na imaginação se pode abstrair” (ENGELS; MARX, 2009: 23). E são dessas premissas que “toda a historiografia tem de partir” (ENGELS, MARX, 2009: 24). Tais premissas que Marx e Engels afirmam ser:

A primeira premissa de toda história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, portanto, a organização corpórea desses indivíduos e a relação por isso existente com o resto da natureza. Não podemos entrar aqui, naturalmente, nem na constituição física dos próprios homens, nem nas condições naturais que os homens encontraram – as condições geológicas, oro-hidrográficas, climáticas e outras. (ENGELS, MARX, 2009: 24)

Ou seja, a historiografia é produto da atividade humana e das condições materiais que permitem com que a atividade se desenvolva; e se “ao produzirem seus meios de subsistência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material” (ENGELS, MARX: 2009: 24), a historiografia, tal qual é pensada por Marx e Engels, pode então ser tratada não apenas como o registro da ação – trabalho, por exemplo – dos homens perante o meio, mas como fruto desta própria relação homem-natureza.

Também das premissas materiais se desenvolve a consciência, já que “não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência” (ENGELS, MARX, 2009: 32). No entanto, a consciência, assim como

a moral, a religião, a metafísica e toda outra ideologia (...) não têm história, não têm desenvolvimento, são os homens que desenvolvem sua produção material que, ao mudarem essa sua realidade, mudam também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. (ENGELS, MARX, 2009: 32)

Entendemos disso, então, que a história está reservada aos homens, à sua existência e vida material e as instituições, a consciência,

etc. São produto destes fatores e à medida que os fatores mudam, muda também o produto. Ou seja, a história tem como pressuposto o homem.

Os seus pressupostos são os homens não num qualquer isolamento e fixidez fantásticos, mas no seu processo, perceptível empiricamente, de desenvolvimento real e sob determinadas condições. Assim que esse processo de vida ativo é apresentado, a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos – como é para os empiristas, eles próprios ainda abstratos –, ou uma ação imaginada de sujeitos imaginados, como para os idealistas. (ENGELS, MARX, 2009: 32)

Se a história está reservada aos homens e à sua existência e vida material, Marx e Engels afirmam ser as condições dadas para a existência humana o primeiro ato histórico:

O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades⁴, a produção da própria vida material, e a verdade é que esse é um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, tal como há milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos. (ENGELS, MARX, 2009: 40, 41)

Então, pela presente exposição do que se faz essencial pensar sobre as considerações de Marx e Engels, em *A Ideologia Alemã*, sobre a história e a historiografia, acreditamos poder concluir que para os dois

⁴ As necessidades dizem respeito à seguinte passagem, anterior à citação das páginas 40 - 41: “Como os Alemães, que não partem de qualquer pressuposto, temos de começar por constatar o primeiro pressuposto de toda vida a existência humana, e portanto, também, de toda a história, a saber, o pressuposto de que os homens têm de estar em condições de viver para poderem ‘fazer história’. Mas da vida fazem parte sobre tudo comer e beber, habitação, vestuário e ainda algumas coisas”.

autores a história parte das proposições materiais para a existência, que por sua vez é um pressuposto para que haja história e historiografia, pois ambas são resultado da interação homem-natureza, porém, partindo de um método dialético, onde se “explica a formação das ideias a partir da práxis” (ENGELS, MARX, 2009: 58). Sendo assim, “as circunstâncias fazem o homem tanto quanto como o homem faz as circunstâncias” (ENGELS, MARX, 2009: 59). Para Marx e Engels, a história é um processo do qual a força motriz “não é a crítica, mas sim a revolução” (ENGELS, MARX, 2009: 59).

O Manifesto do Partido Comunista

Em *O Manifesto do Partido Comunista*, talvez a obra mais conhecida de Engels e Marx, os autores traçam uma linha do tempo até os seus dias para mostrar como se deu o desenvolvimento do Estado moderno, capitaneado pela burguesia. Ao traçar esta linha, Marx e Engels buscam mostrar como a história até seus dias sempre se deu a partir da oposição entre oprimidos e explorados (como já dito na introdução a este artigo): “Portanto, vemos que a burguesia moderna é produto de um longo processo de desenvolvimento, de uma série de profundas transformações do modo de produção e dos meios de comunicação” (ENGELS, MARX: 2001: 26). Agora sobre a relação que têm burguesia e Estado modernos, os autores afirmam que “um governo moderno é tão somente um comitê que administra os negócios comuns de toda a classe burguesa.” (ENGELS, MARX: 2001: 27)

Ao decorrer do texto os dois autores mostram como a burguesia

destruiu todas as relações feudais, patriarcais, idílicas. Estilhaçou, sem piedade, os variegados laços feudais que subordinavam os homens aos seus superiores naturais, e não deixou subsistir entre os homens outro laço senão o interesse nu e cru, senão o fio ‘dinheiro vivo’ (...) Reduziu a dignidade pessoal a simples valor de troca e, em lugar das inumeráveis liberdades estatuídas e arduamente conquistadas, erigiu a liberdade única e implacável do comércio. (ENGELS, MARX, 2001: 27)

Todas estas ações destruidoras da burguesia, então, não se deram de forma automática. A burguesia precisou romper com a ordem vigente e conquistar seu espaço. Assim, para os autores, a “época da burguesia” (ENGELS, MARX, 2001: 24) apenas simplificou a luta de classes.

Como resultado da ação burguesa na história, os autores afirmam que além da simplificação da luta entre as classes, a luta também se dá de forma mais direta e com isso a burguesia acaba criando os meios para a sua própria destruição: “Mas a burguesia não forjou apenas as armas que lhe darão a morte; também engendrou os homens que empunharão essas armas: os operários modernos, os proletários.” (ENGELS, MARX, 2001: 34). Ou seja, é da contradição entre as classes que surge a revolução. E é junto com a burguesia que o proletariado surge. Portanto, desde seu triunfo revolucionário, o poder burguês já tem data de validade:

Em geral, os conflitos da velha sociedade favorecem, de várias maneiras, o desenvolvimento do proletariado. A burguesia vive engajada numa luta permanente (...) E em todas essas lutas, vê-se constrangida a apelar para o proletariado, a pedir sua adesão e, desse modo, a impeli-lo para o movimento político. Portanto, ela própria fornece ao pro-

letariado os elementos de sua própria formação, ou seja, armas contra si mesma. (ENGELS, MARX, 2001: 40)

Tendo, então, no proletariado o que é necessário para acabar com a luta entre as classes, e com esta sobreposição da burguesia, sua exploração e desgraça, Marx e Engels definem a classe operária moderna como a classe “realmente revolucionária” (ENGELS, MARX: 2001: 41). Isto porque “o proletariado, a camada mais baixa da sociedade atual, não pode erguer-se, recuperar-se, sem estilhaçar toda superestrutura de estratos que constituem a sociedade oficial.” (ENGELS, MARX: 2001: 43). Passando assim por uma “guerra civil (...) até a hora que ela irrompe em uma revolução aberta e o proletariado lance as bases da sua dominação pela derrubada violenta da burguesia”. (ENGELS, MARX, 2001: 43).

Então, para Marx e Engels, esta oposição entre as classes tem seu peso jogado às costas dos rumos da história. Uma História que se faz em torno de um contexto que Koselleck define como “coletivo singular” (2006: 50), “um conjunto de ações coincidentes” (2006: 49), uma história pautada na “esperança” (2006: 58), em suma, que se volta ao futuro. Nos dois autores aqui analisados, esta história rumava a uma revolução onde a ordem burguesa será vencida pelo operariado moderno, que exercerá, assim, seu poder ao superar o capitalismo, chegando ao estágio comunista da história da humanidade.

Tendo até aqui trazido os aspectos que julgamos essenciais em Engels e Marx para que possamos assim analisar Trotsky e Stalin como

historiadores durante o período revolucionário, começemos então o debate.

Stalin Historiador: consciência, vida material e luta de classes

Durante a leitura de *The History of the Socialist Party of the Soviet Union* se faz possível perceber um fundo didático nas discussões apresentadas, principalmente ao nos depararmos com um capítulo inteiro dedicado ao Materialismo Histórico-dialético. O livro se propõe a contar a trajetória do Partido Bolchevique ao mesmo tempo em que busca em Lênin⁵, Marx e Engels as bases da teoria que regeu a ação revolucionária no processo que culminou na Revolução Russa.

No que diz respeito à consciência, encontramos a afirmação de que ela se dá através das “diferentes condições da vida material da sociedade em diferentes períodos do desenvolvimento social”:

Hence, if in different periods of the history of society different social ideas, theories, views and political institutions are to be observed; if under the slave system we encounter certain social ideas, theories, views and political institutions, under feudalism others, and under capitalism others still, this is not to be explained by the “nature,” the “properties” of the ideas, theories, views and political institutions themselves but by the different conditions of the material life of society at different periods of social development (C.P.S.U, 1939: 115)

⁵ Neste artigo optamos por não fazer um debate sobre os conceitos em Lenin por entender que este seja um debate a parte do que aqui fazemos. Portanto, decidimos focar naquilo que se refere mais objetivamente a Trotsky, Stalin, Marx e Engels.

Ou seja, cada período da história apresentará uma condição de vida material e a partir dela será tomada a consciência. Podemos então, remeter este pensamento a Marx e Engels (2009: 59) ao escrevem que “as circunstâncias fazem o homem tanto quanto como o homem faz as circunstâncias”, pois a cada época da história o homem poderá apenas desenvolver aquilo que está a seu alcance, dentro das condições dadas por aquilo que já foi desenvolvido, e assim por diante até os nossos dias.

Mas o que é a vida material? Ao tentar definir a vida material, o Comitê Central do Partido Bolchevique escreve que:

There can be no doubt that the concept “conditions of material life of society” includes, first of all, nature which surrounds society, geographical environment, which is one of the indispensable and constant conditions of material life of society and which, of course, influences the development of society. (C.P.S.U, 1939: 118)

Então, a vida material é saldo daquilo que dá as bases para que a sociedade se desenvolva desta ou daquela forma. Não é um fenômeno isolado, mas um conjunto de fatores que vão incidir diretamente no cotidiano de uma sociedade, em sua saúde física e psíquica, por exemplo: “Everything depends on the conditions, time and place”. (C.P.S.U, 1939: 110).

Dentro desta relação entre consciência e vida material, outro aspecto que se faz essencial para entender a posição defendida na obra é o Partido. O Partido é uma espécie de elo, de ponte que liga a vida material à consciência, de forma a transformar esta em consciência revolucionária, a partir do que aquela apresenta à realidade da classe trabalhado-

ra. Sabendo-se que tratamos de uma obra a respeito do Partido Bolchevique e de sua história diretamente relacionada à Revolução Russa, talvez não estivéssemos de qualquer forma esperando que o foco fosse outro, porém, o debate aqui se faz pelas vias da teoria, e é isto que precisa ser analisado. O Partido aparece enquanto uma ferramenta essencial à classe trabalhadora e à revolução pois é o Partido que vai preparar as massas e direcionar a sua consciência revolucionária:

The Party differs from other detachments of the working class primarily by the fact that it is not an ordinary detachment, but the vanguard detachment, a class-conscious detachment, a Marxist detachment of the working class, armed with a knowledge of the life of society, of the laws of its development and of the laws of the class struggle, and for this reason able to lead the working class and to direct its struggle. (C.P.S.U, 1939: 46)

Ou seja, o Partido revolucionário funciona como um guia à ação da classe trabalhadora: “The Party is not merely an organized detachment, but ‘the highest of all forms of organization’ of the working class, and it is its mission to guide⁶ all the other organizations of the working class” (C.P.S.U, 1939: 48).

Já em relação à luta de classes, sua simplificação ou complexificação, o livro escrito em nome do Comitê Central do Partido Bolchevique traz à tona a sua visão, que não parece divergir daquela apresentada ao tratarmos do pensamento de Marx e Engels no início deste artigo:

⁶ “Guide” encontra-se em itálico no texto original, dando ênfase a este papel do Partido.

When the Russian capitalists, in conjunction with foreign capitalists, energetically implanted modern large-scale machine industry in Russia, while leaving tsardom intact and turning the peasants over to the tender mercies of the landlords, they, of course, did not know and did not stop to reflect what social consequences this extensive growth of productive forces would lead to, they did not realize or understand that this big leap in the realm of the productive forces of society would lead to a regrouping of social forces that would enable the proletariat to effect a union with the peasantry and to bring about a victorious Socialist revolution. They simply wanted to expand industrial production to the limit, to gain control of the huge home market, to become monopolists, and to squeeze as much profit as possible out of the national economy. Their conscious activity did not extend beyond their commonplace, strictly practical interests. (...) Such a transition usually takes place by means of the revolutionary overthrow of the old relations of production and the establishment of new relations of production. Up to a certain period, the development of the productive forces and the changes in the realm of the relations of production proceed spontaneously, independently of the will of men. But that is so only up to a certain moment, until the new and developing productive forces have reached a proper state of maturity. (C.P.S.U, 1939; 129,130)

Então, podemos concluir que a leitura é de que a burguesia criou os meios para que fosse destruída pela classe trabalhadora, simplificando a luta de classes de modo que se tornaria inevitável a revolução do proletariado, passando por um momento de transição entre os modos de produção. Porém, em meio a esta transição a luta se complexifica por conta da reação da burguesia e a consequente perseguição ao partido,

que é a ferramenta revolucionária que a classe trabalhadora estaria empunhalando:

During the period of rise of the revolution they learned how to advance; during the period of reaction they should learn how to retreat properly, how to go underground, how to preserve and strengthen the illegal party, how to make use of legal opportunities, of all legally existing, especially mass, organizations in order to strengthen their connections with the masses. (C.P.S.U, 1939: 132)

Esta citação diz respeito à experiência bolchevique durante o período revolucionário e como Lenin se utilizou dos meios disponíveis para que a conexão do partido com as massas não fosse embora pelo ralo por conta das forças contrarrevolucionárias que se apresentam mais fortes durante a transição ao socialismo.

Trotsky Historiador: consciência, vida material e luta de classes

O livro *A História da Revolução Russa*, de Trotsky, está dividido em três volumes. No segundo volume, sobre o qual nos debruçamos para escrever este artigo, Trotsky se propõe a contar a história da Revolução de Julho até a Revolução de Outubro e a tomada do poder pelo Partido Bolchevique.

Trotsky (1977: 478), caracteriza a consciência enquanto “instância decisiva da política revolucionária” e fala que o Partido não “tenta forjar a opinião das massas (...) apenas formá-la” (TROTSKY, 1977: 469). Para Trotsky (1977, 470), “quando as massas conseguem assimilar uma idéia elas querem realizá-la”. Ou seja, a consciência das massas é o

que definirá o seu direcionamento à revolução e, sendo assim, o Partido revolucionário deve incidir nas massas para que seu projeto venha a se realizar.

Trotsky afirma que em julho de 1917, quando a Rússia se encontrava sob o comando do governo provisório, “os soldados mostravam-se mais impacientes que os operários (...) porque estavam sob ameaça direta de serem enviados ao front.” (TROTSKY, 1977: 426), assim como faz uma série de levantamentos no que ronda a vida material da classe trabalhadora. Segundo Trotsky (1977: 422) “começou a faltar tudo o que constituía o estritamente necessário à existência” e isto fazia com que as massas fossem às ruas de forma desesperada:

Por não encontrar saída, a energia das massas, despertada, fracionava-se em movimentos espontâneos, em atos de partisans, em tomadas de posição arbitrárias. Os operários, os soldados e os camponeses tentavam resolver ao menos parcialmente tudo aquilo que lhes recusava o poder por eles próprios criado. A irresolução dos dirigentes é o mais poderoso debilitador das massas. (TROTSKY, 1977: 424)

Ou seja, as proposições materiais, as condições de existência na Rússia sob o governo provisório eram devastadoras para a classe trabalhadora russa e isso levava os trabalhadores às ruas. Disso temos que por conta dos obstáculos da vida material, era tomada a consciência de que se deveria agir, quase como uma reação espontânea ligada à própria sobrevivência.

Temos aqui em mente também o processo de tomada do poder do Partido Bolchevique e de sua organização por meio de sovietes, porém,

nisso não nos ateremos neste artigo, por termos em vista uma discussão teórica baseada nos três pontos já citados anteriormente. O que nos interessa aqui dizer é que para Trotsky (1977: 429) “a questão do poder determinava a direção de toda a revolução e, por conseguinte, fixava o destino de cada cidadão em particular”. Ou seja, o poder poderia ficar nas mãos do Governo Provisório ou nas mãos do Partido Bolchevique. E, pelo que entendemos até aqui pelas afirmações de Trotsky, a consciência das massas é determinante para tal acontecimento e a história teria então nos mostrado de qual lado estavam as massas na Rússia em 1917.

Em relação ao acirramento ou não da luta de classes no período revolucionário, Trotsky o caracteriza na seguinte passagem:

Tomar o poder não basta – é preciso conservá-lo. Quando, em outubro, os bolcheviques achararam que havia soado a hora para êles, o período mais difícil sobreveio após a tomada do poder. Foi necessária a mais alta tensão de forças da classe proletária para resistir aos incontáveis ataques dos inimigos. (TROTSKY, 1977: 474)

Por “inimigos”, Trotsky entende tanto a burguesia, que busca conservar o seu poder, quanto aqueles que no período da revolução se opõem aos revolucionários, se colocando ao lado do poder burguês, ou até mesmo se calam diante da guerra pela revolução.

Para Trotsky (1977: 422) “a Revolução é o mais implacável dos meios que se possui para resolver as questões históricas. E as escapatórias, em ocasião de Revolução, constituem a mais ruinosa dentre todas as políticas.” Por “questões históricas”, neste caso, entendemos luta de classes. Em um movimento simples, relacionamos esta passagem à cita-

ção de Marx e Engels (2001: 23): “a história da sociedade até os nossos dias é a história da luta de classes”. Ou seja, o que resolveria a luta de classes, partindo do pressuposto de que Trotsky escreve em uma perspectiva marxista, e acreditamos que seja esta a conclusão que aqui chegamos, é a revolução. Porém, o período após a revolução seria um período doloroso, onde se deve manter o poder e a luta pela consciência, que está, juntamente com o poder, em disputa ou em processo de estabelecimento.

Para analisarmos Trotsky e Stalin enquanto historiadores e visando responder ao problema de pesquisa apresentado, buscamos nas duas obras analisadas o desenvolvimento dos conceitos formulados por Engels e Marx que neste artigo já foram apresentados. Sendo eles: a consciência, a vida material e a luta de classes. Em relação à consciência e a vida material tentamos entender como as duas se relacionam e se as premissas apresentadas por Marx e Engels acerca da consciência estão presentes nas obras analisadas. Em relação à luta de classes, a intenção foi compreender esta simplificação da oposição entre as duas classes elementares do Estado moderno e se há ou não uma complexificação das relações entre burguesia e proletariado durante o período revolucionário.

Considerações Finais

Durante todo o artigo buscamos relacionar Marx e Engels àquilo que escreveram Trotsky e Stalin para analisar os dois personagens da revolução enquanto historiadores. Para isso, tivemos que delimitar o

espaço no qual atuaríamos e fazer um debate da forma mais objetiva possível, e é este o motivo pelo qual escolhemos os três principais pontos discutidos no texto, que julgamos serem essenciais para a resposta de nosso problema de pesquisa. Portanto, evitamos nos ater a debates onde Stalin e Trotsky dialogam diretamente, como críticas que aparecem no livro de Trotsky ao regime stalinista e críticas do Comitê Central do Partido Bolchevique a Trotsky. Este debate, dos diálogos, das convergências e divergências entre Trotsky e Stalin, daria, com certeza, mais um artigo como este.

Nos dedicamos, então, a entender como são apresentados, por Marx e Engels, os conceitos da história. Logo percebemos que o seu pensamento se desenvolve de acordo com a sua época, como ilustra a discussão que fizemos em torno do singular coletivo de Koselleck. Ou seja, o pensamento marxiano não se encontra isolado, ele corresponde à época histórica na qual foi inserido e naturalmente, com o tempo e com as experiências, precisa ser estudado e a partir deste pensamento novas teorias devem surgir para corresponder à realidade em que se vive. Foi em Hegel que Marx e Engels buscaram as bases para desenvolver seu método dialético. A partir da dialética do senhor e do escravo, onde “é unicamente a partir do trabalho do outro (do seu escravo) que o senhor é livre em relação à natureza e, por conseguinte, se satisfaz” (KOJÈVE, 2002: 22) que Marx e Engels começam a desenvolver seu pensamento, invertendo a lógica Hegeliana de dialética para tratar da luta de classes e do materialismo histórico-dialético. Da mesma forma, os revolucionários russos se apropriaram do pensamento marxiano e puderam, assim, a

partir de sua realidade, testar aquelas teorias que Marx e Engels desenvolveram no século XIX; vendo, por exemplo, que a revolução pode surgir das periferias, divergindo da expectativa de Marx e Engels de que a revolução viria de onde o capitalismo está mais desenvolvido. A Rússia, no início do século XX, não era um país desenvolvido como a Alemanha e a Inglaterra, por exemplo.

A Revolução Russa, portanto, assim como a Revolução Haitiana, e tomadas as devidas proporções, pode ser pensada a partir de uma lógica onde a história contada não é a dos vencedores, mas dos que até então eram os vencidos, e de certa forma continuam sendo depois da revolução, pois a história que até o momento da revolução foi contada é aquela da visão dos opressores em relação aos oprimidos. Buck Morss, ao tratar da relação entre Hegel e a Revolução Haitiana, entende que é possível, então, organizarmos uma história universal na perspectiva dos oprimidos:

Se os fatos históricos a respeito da liberdade podem ser extirpados das narrativas contadas pelos vencedores e recuperadas para a nossa própria época, então o projeto da liberdade universal não deve ser descartado, mas, pelo contrário, deve ser resgatado e reconstituído sobre novas bases (BUCK-MORSS, 2011: 154,155)

Buck-Morss propõe que resgatemos a história dos historicamente oprimidos para que pensemos num projeto universal de liberdade, vindo das periferias, como o Haiti e a Rússia do século XX, por exemplo. Ou seja, Buck-Morss pode nos ajudar a pensar que não necessariamente a revolução virá de onde o capitalismo está mais desenvolvido, mas sim

de onde os povos se sentem mais oprimidos, onde a vida material se faz mais hostil à existência humana. Podemos trazer também o exemplo de Cuba, onde, por mais que os rumos que a revolução levou sejam ainda discutíveis, surgiu com uma proposta de libertação nacional de um povo periférico e oprimido.

Por fim, sobre o nosso problema de pesquisa, acreditamos que a resposta seja positiva. Como já dissemos antes, os dois historiadores analisados sob a ótica de Marx e Engels irão divergir em sua trajetória tanto historiográfica quanto de atuação durante a revolução, mas não é por isso que não serão aqui entendidos enquanto historiadores marxistas. Tanto Trotsky quanto Stalin parecem responder às nossas expectativas em relação à consciência, vida material e luta de classes, de forma a coadunar com a visão desenvolvida por Marx e Engels em *A Ideologia Alemã* e no *Manifesto do Partido Comunista*. Este é um debate que, como dito antes, não se encerra por aqui e seria irresponsável de nossa parte tentar, neste artigo, resolver esta questão. Ao olharmos para nossas evidências, parece não haver espaço para dúvidas de que Trotsky e Stalin se inserem no que chamamos durante o artigo de “pensamento marxista”. Porém, esta discussão é muito ampla e o que fizemos aqui foi tentar começar um colóquio acerca do assunto. O debate que aqui a partir deste ponto se abre diz respeito à seguinte questão: até que ponto a teoria de Marx e Engels pode ser flexibilizada para que se haja, dentro desta mesma referência teórica, visões que virão a ser tão antagônicas como as de Stalin e Trotsky?

Bibliografia

BUCK-MORSS, Susan. Hegel e Haiti. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 90, p. 131-171, jul. 2011.

COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA. *History of the Socialist Party of the Soviet Union (Bolsheviks)*. Nova York: International Publishers Co., 1939.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.

_____. *O Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: Editora L&PM, 2001.

HARTOG, François. Time, History and the Writing of History: the Order of Time. *KVHAA Konferenser*, Estocolmo, v. 37, p. 95-113, 1996.

KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à Leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002. p. 11-34.

KOSELLECK, Reinhart. Historia Magistra Vitae: sobre a dissolução do *topos* na história moderna em movimento. In: _____. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. cap. 2, p. 41-60.

THOMPSON, Edward P. Intervalo: a lógica histórica. In: _____. *A Miséria da Teoria ou Um Planetário de Erros*: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1981. cap. 7, p. 47-62.

TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. N° 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Recebido em: 30/10/2017

Aceito em: 07/08/2018